



# Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional

Ano I - Outubro de 2018 - Edição 4



**VOCAÇÃO LAICAL:  
VIVER NO MUNDO DOS HOMENS E MULHERES.**

## Nesta Edição

Editorial .....	03
PALAVRA DA IGREJA .....	04
TEMA VOCACIONAL I Wellington da Silva Conceição .....	11
CONGREGAÇÃO VOCACIONISTA Pe. Wilson Lima de Oliveira, SDV .....	14
TESTEMUNHO VOCACIONAL Hugo da Silva Eliodoro, SDV .....	18
CELEBRAÇÃO VOCACIONAL Artur Rodrigues Neto e Julian Alves de Oliveira Pereira .....	23
ATIVIDADE VOCACIONAL Pe. Mozart Nunes, SDV .....	28

**A Revista Espírito Digital é uma publicação da Sociedade Divinas Vocações – Província do Brasil. Rua Esperanto, nº 07, São Caetano . CEP: 40391-232. Salvador-BA.**

**Equipe de Direção:**

**Diretor Presidente: Pe. José Carlos Lima SDV.**

**Diretor Administrativo: Pe. Albino Thiago Santos de Jesus SDV.**

**Editor Geral: Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV.**

**Revisor Geral: Pe. Luis Jonas Carneiro de Oliveira SDV.**

**OBS: Os artigos assinados não representam necessariamente o pensamento da Revista.**

## Editorial

Dando continuidade à reflexão sobre a vocação laical, o sociólogo Wellington da Silva Conceição nos leva a refletir sobre a superação da visão do leigo como simples frequentador de missas e grupos paroquiais, indicando a suma necessidade de um laicato que vê a si mesmo como verdadeiro seguimento a Jesus presente na realidade social e eclesial. Na mesma linha de pensamento, a conclusão do capítulo IV da *Lumen Gentium*, nos levar a ver o laicato como verdadeira vocação a ser valorizada e vivenciada nas realidades da vida no mundo. Mundo e Igreja como dois aspectos constitutivos da vocação laical.

Trazemos nesta edição, como de costume, outros textos que nos ajudam a conhecer melhor o Pe. Justino e a Congregação Vocacionista, como também alguns textos para nos ajudar na vivência e atividade em prol das vocações.

Que Nossa Senhora das Divinas Vocações continue nos iluminando nesta difícil caminhada de fidelidade ao projeto do Pai. Que suas palavras de “fazer o que Ele mandar” continue ressoando em nossos ouvidos e coração, para que assim motivados continuemos nossa jornada de seguimento àquele, e somente àquele, que possui a capacidade de nos salvar.

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV  
(editor)

# PALAVRA DA IGREJA

## LUMEN GENTIUM<sup>1</sup>

*(continuação da edição anterior)*



### *O testemunho de vida pelo apostolado dos leigos*

35. Cristo, o grande profeta, que pelo testemunho da vida e a força da palavra proclamou o reino do Pai, realiza a sua missão profética, até à total revelação da glória, não só por meio da Hierarquia, que em Seu nome e com a Sua autoridade ensina, mas também por meio dos leigos; para isso os constituiu testemunhas, e lhes concedeu o sentido da fé e o dom da palavra (cf. At 2,17-18; Ap 19,10) a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida quotidiana, familiar e social. Os leigos mostrar-se-ão filhos da promessa se, firmes na fé e na esperança, aproveitarem bem o tempo presente (cf. Ef 5,16; Col 4,5) e com paciência esperarem a glória futura (cf. Rm 8,25). Mas não devem esconder esta esperança no seu íntimo, antes, pela contínua conversão e pela luta “contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal” (Ef 6,12), manifestem-na também nas estruturas da vida secular.

Do mesmo modo que os sacramentos da nova lei, que alimentam a vida e o apostolado dos fiéis, prefiguram um novo céu e uma nova terra (cf. Ap 21,1), assim os leigos tornam-se valorosos arautos da fé naquelas realidades que esperamos (cfr. Hebr. 11,1), se juntarem sem

<sup>1</sup> Fonte: [http://www.catolicoorante.com.br/docs/vaticanoii/constituicoes/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.catolicoorante.com.br/docs/vaticanoii/constituicoes/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) CAPÍTULO IV (visitada 24/06/2018 às 13:50h).

hesitação, a uma vida de fé, a profissão da mesma fé. Este modo de evangelizar, proclamando a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire um certo caráter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo.

Nesta obra, desempenha grande papel aquele estado de vida que é santificado por um sacramento próprio: a vida matrimonial e familiar. Aí se encontra um exercício e uma admirável escola de apostolado dos leigos, se a religião penetrar toda a vida e a transformar cada vez mais. Aí encontram os esposos a sua vocação própria, de serem um para o outro e para os filhos as testemunhas da fé e do amor de Cristo. A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade.



Por isso, ainda mesmo quando ocupados com os cuidados temporais, podem e devem os leigos exercer valiosa ação para a evangelização do mundo. E se há alguns que, na medida do possível, suprem nas funções religiosas os ministros sagrados que faltam ou estão impedidos em tempo de perseguição, a todos, porém, incumbe a obrigação de cooperar para a dilatação e crescimento do Reino de Cristo no mundo. Dedicuem-se, por isso, os leigos com diligência a conseguir um conhecimento mais profundo da verdade revelada, e peçam insistentemente a Deus o dom da sabedoria.

### ***A santificação das estruturas humanas pelo apostolado dos leigos***

36. Tendo-se feito obediente até à morte e tendo sido, por este motivo, exaltado pelo Pai (cf. Fl 2,8-9), entrou Cristo na glória do Seu reino. Todas as coisas Lhe estão sujeitas, até que Ele se submeta, e a todas as criaturas, ao Pai, para que Deus seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,27-28). Comunicou este poder aos discípulos, para que também eles sejam constituídos em régia liberdade e, com a abnegação de si mesmos e a santidade da vida, vençam em si próprios o reino do pecado (cf. Rm 6,12); mais ainda, para que, servindo a Cristo também nos outros, conduzam os seus irmãos, com humildade e paciência, àquele Rei, a quem servir é reinar. Pois o Senhor deseja dilatar também por meio dos leigos o Seu reino, reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz, no qual a



própria criação será liberta da servidão da corrupção, alcançando a liberdade da glória dos filhos de Deus (cf. Rm8,21). Grande é a promessa, grande o mandamento que é dado aos discípulos: “tudo é vosso; vós sois de Cristo; e Cristo é de Deus” (1Cor 3,23).

Por consequência, devem os fiéis conhecer a natureza íntima e o valor de todas as criaturas, e a sua ordenação para a glória de Deus, ajudando-se uns aos outros, mesmo através das atividades propriamente temporais, a levar uma vida mais santa, para que assim o mundo seja penetrado do espírito de Cristo e, na justiça, na caridade e na paz, atinja mais eficazmente o seu fim. Na realização plena deste dever, os leigos ocupam o lugar mais importante. Por conseguinte, com a sua competência nas matérias profanas, e a sua atuação interiormente elevada pela graça de Cristo, contribuem eficazmente



para que os bens criados sejam valorizados pelo trabalho humano, pela técnica e pela cultura para utilidade de todos os homens, sejam melhor distribuídos entre eles e contribuam a seu modo para o progresso de todos na liberdade humana e cristã, em harmonia com o destino que lhes deu o Criador e segundo a iluminação do Verbo. Deste modo, por meio dos membros da Igreja, Cristo iluminará cada vez mais a humanidade inteira com a Sua luz salvadora.

Além disso, também pela união das próprias forças, devem os leigos sanear as estruturas e condições do mundo, se elas porventura

propendem a levar ao pecado, de tal modo que todas se conformem às normas da justiça e antes ajudem ao exercício das virtudes do que o estorvem. Agindo assim, informarão de valor moral a cultura e as obras humanas. E, por este modo, o campo, isto é, o mundo ficará mais preparado para a semente da palavra divina e abrir-se-ão à Igreja mais amplamente as portas para introduzir no mundo a mensagem da paz.

Devido à própria economia da salvação, devem os fiéis aprender a distinguir cuidadosamente entre os direitos e deveres que lhes competem como membros da Igreja e os que lhes dizem respeito enquanto fazem parte da sociedade humana. Procurem harmonizar entre si uns e outros, lembrando-se que se devem guiar em todas as coisas temporais pela consciência cristã, já que nenhuma atividade humana, nem mesmo em assuntos temporais, se pode subtrair ao domínio de Deus. É muito necessário em nossos dias que esta distinção e harmonia se manifestem claramente nas atitudes dos fiéis, que a missão da Igreja possa corresponder mais plenamente às condições particulares do mundo atual. Assim como se deve reconhecer que a cidade terrena se consagra a justo título aos assuntos temporais e se rege por princípios próprios, assim com razão se deve rejeitar a nefasta doutrina que pretende construir a sociedade sem ter para nada em conta a religião, atacando e destruindo a liberdade religiosa dos cidadãos.





## *Relações dos leigos com a Hierarquia*

37. Como todos os fiéis, também os leigos têm o direito de receber com abundância, dos sagrados pastores, os bens espirituais da Igreja, principalmente os auxílios da palavra de Deus e dos sacramentos; e com aquela liberdade e confiança que convém a filhos de Deus e a irmãos em Cristo, manifestem-lhes as suas necessidades e aspirações. Segundo o grau de ciência, competência e autoridade que possuam, têm o direito, e por vezes mesmo o dever, de expor o seu parecer sobre os assuntos que dizem respeito ao bem da Igreja. Se o caso o pedir, utilizem os órgãos para isso instituídos na Igreja, e procedam sempre em verdade, fortaleza e prudência, com reverência e amor para com aqueles que, em razão do seu cargo, representam a pessoa de Cristo.

Como todos os cristãos, devem os leigos abraçar prontamente, com obediência cristã, todas as coisas que os sagrados pastores, representantes de Cristo, determinarem na sua qualidade de mestres e guias na Igreja, a exemplo de Cristo, o qual com a Sua obediência, levada até à morte, abriu para todos o feliz caminho da liberdade dos filhos de Deus. Nem deixem de encomendar ao Senhor nas suas orações os seus prelados, já que eles olham pelas nossas almas, como devendo



dar contas delas, a fim de que o façam com alegria e não gemendo (cf. Hb 13,17).

Por seu lado, os sagrados pastores devem reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja; recorram espontaneamente ao seu conselho prudente, entreguem-lhes confiadamente cargos em serviço da Igreja e deem-lhes margem e liberdade de ação, animando-os até a tomarem a iniciativa de empreendimentos. Considerem atentamente e com amor paterno, em Cristo, as iniciativas, pedidos e desejos propostos pelos leigos. E reconheçam a justa liberdade que a todos compete na cidade terrestre.

Muitos bens se devem esperar destas relações confiantes entre leigos e pastores: é que assim se fortalece nos leigos o sentido da própria responsabilidade, fomenta-se o seu empenho é mais facilmente se associam nas suas energias à obra dos pastores. Estes, por sua vez, ajudados pela experiência dos leigos, tanto nas coisas espirituais como nas temporais, mais facilmente julgarão com acerto, a fim de que a Igreja inteira, com a energia de todos os seus membros, cumpra mais eficazmente a sua missão para a vida do mundo.

### ***Conclusões: os leigos vivificadores do mundo***

38. Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Todos em conjunto, e cada um por sua parte, devem alimentar o mundo com frutos espirituais (cf. Gl 5,22) e nele difundir aquele espírito que anima os pobres, mansos e pacíficos, que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cf. Mt 5, 3-9). Numa palavra, “sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo”.

## TEMA VOCACIONAL

### Promover a vida acima de tudo: sobre os desafios da atualidade à vocação e missão dos cristãos leigos

Wellington da Silva Conceição



Jesus, em uma das mais conhecidas passagens do evangelho, demanda aos seus seguidores que sejam sal da terra de luz do mundo (Mt 5, 13-14). Para os cristãos leigos, isso é mais que uma mensagem ou recado, mas uma síntese da sua vocação: é dar sentido à realidade em que se está imerso, é inundar da mensagem da boa nova todos as pessoas, ambientes e realidades pelos quais passarem. Como disse o Papa Francisco em uma carta dirigida ao Cardeal Marc Ouellet:

*Muitas vezes caímos na tentação de pensar que o leigo comprometido é aquele que trabalha nas obras da Igreja e/ou nas realidades da paróquia ou da diocese, e refletimos pouco sobre o modo como acompanhar um batizado na sua vida pública e quotidiana; sobre como, na sua atividade diária, com as responsabilidades que tem, se compromete como cristão na vida pública<sup>2</sup>.*

<sup>2</sup> Carta do Papa Francisco – Os leigos na Igreja – de 19 de março de 2016.

Isso é fundamental para os dias atuais: não é a permanência nos templos, a capacidade de converter novos membros ou a prática de impor as leis eclesiásticas ao conjunto dos homens e mulheres que caracteriza a vocação do cristão leigo. É antes de tudo apresentar pelo testemunho – que pode ser até silencioso – que a experiência com a Trindade nos faz mais humano, e entendo que essa humanidade ganha corpo na capacidade de amar em diferentes circunstâncias, de promover a justiça, de lutar pelos que sofrem e de cultivar a paz.

Percebemos, porém – e esse tempo de disputas políticas nos tem permitido visualizar com clareza – que para muitos cristãos leigos o cristianismo ficou reduzido a um conjunto de regras morais que devem ser levadas a ferro e fogo e impostas à maioria da população. Candidatos que defendem o armamento, a morte de “bandidos” e o preconceito parecem ganhar aderência entres os fiéis das Igrejas cristãs por conta de sua suposta crença em rígidos princípios éticos e morais. Mas não podemos esquecer que somente a adesão plena ao mandamento maior – “eu vim para que todos tenham vida em plenitude” (Jo 10,10) - garante que os leigos sejam aquilo que professa o documento de Puebla: “homens e mulheres da Igreja no coração do mundo” (n. 786). Qualquer discurso que promova a morte – seja ela a do corpo ou do espírito – fere o imperioso mandamento do “não matar”. Diminuir ou enquadrar alguém por suas opções de vida, características pessoais ou de classe é promover uma morte destes para o mundo, e excluir da mesa da refeição aqueles que estão famintos e não são culpados por isso.

No final do século passado, um filósofo francês chamado Michel Foucault queria entender um paradoxo moderno: como justificamos certas mortes em uma sociedade onde o correto é lutar pela preservação da vida? Para explicar tal fenômeno, criou o termo “racismo de estado”. Nessa categoria, classificava todo tipo de morte que é justificada como promoção da vida, mas só por parte daqueles que merecem viver. Um exemplo: a frase “bandido bom é bandido morto” expressa bem isso. Para que alguns vivam bem, em segurança, outros precisam morrer. Em função disso, sacrificamos a possibilidade de remissão futura de criminosos e muitas vezes matamos inocentes por conta

dos estereótipos de bandidos que aprendemos a cultivar em nossas cabeças: quem nunca ouviu falar de jovens negros assassinados pelas polícias, apontados como criminosos, e que todos do seu convívio sabem que isso não era verdade?

A promoção da vida plena para todos é um dos mais importantes desafios da missão do leigo no nosso contexto social. No Brasil, a vida humana perde cada vez mais valor. Claro, não é toda vida humana que está ameaçada, mas especialmente a dos jovens e pobres, por quem Jesus e a própria Igreja apresentaram grande predileção. Precisamos desencantar (e promover o desencantamento) de discursos fundamentalistas disfarçados de cristianismo e lutar para que toda vida seja promovida. O voto – inclusive – é uma excelente ferramenta que temos à disposição para empreender essa luta.



# CONGREGAÇÃO VOCACIONISTA

## Amar e estimar a própria vocação

Pe. Wilson Lima de Oliveira SDV



Em tudo daí graças (cf. 1Ts 5,18), a começar pela nossa própria vocação. Por essa razão, devemos sempre amar e estimar a vocação a que fomos chamados, caso contrário não seremos felizes e nem tampouco faremos os outros felizes.

Este amor e estima nos leva a compreender que é preciso viver intensamente a vocação que Deus nos concedeu, a tal ponto de, sem temor algum, nos sentirmos orgulhosos de nós mesmos. Sentir orgulho por consagrar a nossa existência a serviço de todas as formas de vida.

Esse estado de vida pode ser compreendido com um ato de satisfação e conseqüentemente gratidão por termos sido chamados a uma vocação específica, porém, devemos ser uns “eternos insatisfeitos”; com isso, não tenho a pretensão de negar o reconhecimento das nossas virtudes.

Toda pessoa chamada a uma vocação na Igreja nunca deve se sentir “satisfeita” pela colheita, ou seja, pelos serviços exercidos. Esta insatisfação está também relacionada à perseverança, de modo que mesmo em meio às adversidades da vida, precisamos continuar o nosso caminho (cf. Lc 4,28-30) com o coração agradecido. “Que grande esperança, consolação, confiança e alegria deveis então sentir, por terdes sido chamados a esta congregação”<sup>3</sup>.

... Relacionar isso ao testemunho e depois seguir para o parágrafo abaixo

A crise de vocações na Igreja é uma crise de testemunho. O vocacionista que na sua origem deve chamar/despertar no outro a atenção para o chamado, deve por primeiro testemunhar e estimar a alegria por sua própria vocação, caso contrário, não é vocacionista.

As pessoas certamente não acreditarão em religiosos e religiosas que demonstram, com palavras e gestos, que não amam a própria vocação. Essa estima pela própria vocação deve ser plenamente visível, transparente.



<sup>3</sup> Padre Justino. *Se uno mi ama asserverà la mia parola: corso di esercizi spiritual a cura di Oreste Anella.* Roma, 1985, 61

Quando uma família religiosa é um ambiente vital e a consagração é vivida integralmente, os frutos serão abundantes.

O amor pela própria vocação, que se manifesta neste “testemunho silencioso de pobreza e desprendimento, de pureza e transparência, de abandono na obediência, pode ser, ao mesmo tempo que uma interpelação ao mundo e à própria Igreja, uma pregação eloquente, capaz de tocar até mesmo os não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores”<sup>4</sup>.

É preciso viver sem medo de amar a própria vocação.

O padre Justino acreditava que esse amor pela própria vocação era um elemento indispensável para a manutenção da identidade vocacionista e para a fidelidade ao carisma,

No ano de 1940, falando às irmãs Vocacionistas ele dizia que o religioso e a religiosa da Sociedade das Divinas Vocações devem ser “de tal modo repletos da estima e do amor pela Congregação, a ponto de desejar – sem ser provocado e estimulado para tanto – que todos possuam a mesma vocação e venham fazer parte da mesma congregação”<sup>5</sup>.

Aqui não se trata, diz o nosso Fundador, de “estimular a própria vocação a ponto de desprezar as outras”, mesmo porque as Congregações Vocacionistas existem para as demais, mas de convencer-se totalmente da própria identidade, de forma que nada possa diminuir em nós este ardor e este amor por ela<sup>6</sup>.

De fato, ele afirma: se “neste apego pela própria vocação, nesta estima e amor pela congregação, existisse um pouco de vaidade e de egoísmo... não precisa-se ter medo”<sup>7</sup>. Ou seja, não devemos ter medo de sermos aquilo que somos, de sermos, em toda parte, em todos os momentos, vocacionistas.

“Não permitam nunca que diminua a estima e o amor pela Congregação, porque somente quando ela existe, vocês conseguirão santificar e atrair as pessoas”<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> Evangelii Nuntiandi 69; p.750

<sup>5</sup> Padre Justino, *Se uno mi ama osserverà la mia parola*, 26

<sup>6</sup> cf. *ibid.*, 26-27

<sup>7</sup> *ibid.*, 27

<sup>8</sup> *ibid.*, 28



E continue o padre Justino: “Quem, por uma ofensa ou por decepção, perdeu o amor pela congregação, não faz mais bom proveito da vida de oração, não tem amor pelas obras da Congregação e se encontra num estado de perdição no sentido que foi explicado”<sup>9</sup>.

Por isso o padre Justino diz que a nossa preocupação principal não é aquela de agradar, de estimar os superiores, os confrades e coirmãs. Isto é também importante, mas é consequência da primeira: do amor pela nossa vocação<sup>10</sup>. Aos superiores devemos respeito e obediência e não bajulação ou submissão, aos confrades devemos afeto e comunhão e não inveja, medo ou perseguição.

“Quando alguém ama a própria vocação poderá abalar a sua vida. Poderá encontrar irmãos e irmãs difíceis, péssimos superiores, casas desajeitadas, maus tratamentos, mas conseguirá vencer tudo isso no amor que tem pela congregação”<sup>11</sup>.

“Se, pelo contrário, não ama a sua família religiosa, o seu carisma, mesmo morando no “céu” será sempre um eterno insatisfeito, um frustrado, que não tendo a coragem de mudar de vida ou de tomar outra decisão, vive na ambiguidade e fazendo os outros sofrerem”<sup>12</sup>.



<sup>9</sup> *ibid.*, 27-28

<sup>10</sup> *cf. ibid.*, 27

<sup>11</sup> *ibidem*

<sup>12</sup> Pe. José Lisboa, p. 108

## TESTEMUNHO VOCACIONAL

### **Luís Martín e Zélia Guérin (pais de Santa Teresinha).**

Hugo da Silva Eliodoro SDV



Como uma resposta aos debates em torno da Família, gerados por diversas circunstâncias (múltiplas formas de contexto familiar, aborto, terceira idade e a cultura do descartável), a Igreja na XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, abordou o tema: a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Além disso, nos fez pensar neste tema ao canonizar juntos os cônjuges Luís Martín e Zélia Guérin, pais de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Certamente, ambos tiveram uma vida diferente, mas que se encontraram para viver um mesmo fim, a divina união. Por um lado, a vida familiar e cristã, por outro lado, a união com a Santíssima Trindade.

Luís Martín nasceu em Bordeaux (França) em 1823 e faleceu em Arnières-sur-Iton (França) em 1894. Era relojoeiro/joalheiro por profissão. Tinha forte desejo de ser padre nos cônegos regulares de Santo Agostinho do hospício do Grande São Bernardo nos Alpes suíços, mas, como não sabia o latim, não foi aceito.

Maria Zélia Guérin nasceu em San Saint-Denis-Sarthon (França) em 1831 e faleceu em Alençon (França) em 1877. Era bordadeira, e com o ofício abriu um ateliê: Ponto de Alençon. Chegou a fazer experiência da vida religiosa nas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, mas ao longo do discernimento percebeu que seu chamado era outro.

Os dois eram de famílias de origem burguesa, militar, tradicionalmente religiosos e marcados pelo Jansenismo, que na época estava em alta na França. Tiveram uma educação rigorosa nos colégios (ele, nos Irmãos das escolas cristãs, e ela, nas Irmãs da adoração perpétua).





Deus mostrou o caminho para ambos num encontro, em 1858, na ponte de São Leonardo em Alençon. Ao vê-lo, a moça logo sentiu em seu coração que ele era o homem para toda a sua vida, e ouviu uma voz que ressoava: “Este é o homem predestinado para ti”<sup>13</sup>. Nutriram um amor alicerçado em Deus, e após três meses de namoro, se casaram no dia 13 de julho de 1858 na Igreja de Notre Dame, em Alençon. Com isso não queimaram etapas, passaram a se conhecer aos poucos. Verdadeiro processo formativo na vida laical e estavam atentos para os sinais dos tempos.

Quando constituíram a família, fizeram dela único eixo de vida e missão, com o slogan da Santa Joana D’Arc que dizia “servir a Deus em primeiro lugar”<sup>14</sup>. Esta vocação belíssima deu frutos, pois no cotidiano levava uma vida de casados exemplar no seguimento ao Evangelho, participavam da missa diária, faziam a oração pessoal e juntos a oração comunitária, frequentemente eram assistidos no sacramento da confissão e não estavam longe da vida paroquial.

<sup>13</sup> KRAFT, Thomas Kevin. Matrimônios – Os santos casados como modelos de espiritualidade conjugal. 2ªed. Lorena: Cléofas, 2016

<sup>14</sup><http://misericordia.org.br/formacoes/por-ocasio-da-canonizacao-de-luis-e-zelia-martin/> acesso 07/08/18

Certamente ativos nas atividades caritativas de sua época. Com isso, viviam a sua vocação com uma espiritualidade pautada nos gestos mais simples do seu dia a dia e refletiam o hino do amor (1Cor 13), conforme o documento *Amoris Laetia* expressa na vida dos casais nos dias atuais. Em virtude desta vivência de família que reza unida e permanece unida, conseguiram superar os problemas familiares, sociais, econômicos e religiosos.

Como o primeiro objetivo cristão de um matrimônio é o amor e a procriação, foram alertados pelo sacerdote para terem uma prole numerosa. Deste casamento tão fecundo, nasceram nove filhos, quatro crianças morreram e as cinco filhas sobreviveram até a fase adulta. Todas seguiram a vida religiosa, entre elas a santa de Lisieux. O casal educava as filhas para serem mulheres de bem, cidadãs e boas cristãs.



Após a morte de sua esposa, aos 46 anos, acometida por um câncer, para a cidade Lisieux mudou-se o senhor Martins. Dedicou-se a educar suas filhas pequenas: Maria, Paulina, Teresa e Celina que mais tarde entraram para o Carmelo, e Leônia, que entrou para o convento da Visitação. Com está mudança teve a ajuda da tia Celina e Isidoro, irmão de Zélia, que ajudavam com apreço e alegria as meninas.

Teresinha relata nos seus escritos, que sempre recordava de sua mãe com todo carinho e como uma santa pelos tempos que viverá com eles. Depois de 17 anos como viúvo, com as filhas crescidas e já nos conventos, teve uma doença mental, que várias vezes o deixou desacordado e em crise. Foi internado no sanatório de Caen, onde veio a morrer aos 71 anos. Terezinha da Sagrada Face escreve que mesmo na doença, nos momentos de consciência e dores, embora se sentindo humilhado, seu pai sempre repetia: “Tudo para maior glória de Deus!”<sup>15</sup>



<sup>15</sup> <http://misericordia.org.br/formacoes/por-ocasio-da-canonizacao-de-luis-e-zelia-martin/> acesso 07/08/18

# CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

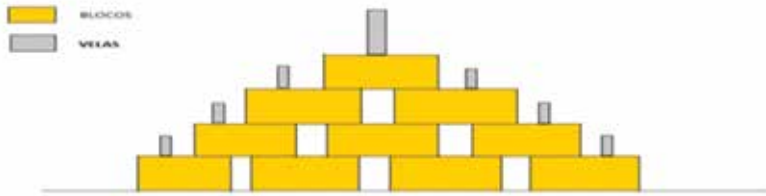
## Oração Vocacional Laical

“Sal da terra e Luz do mundo”. (Mt 5,13-14).

Artur Rodrigues Neto e Julian Alves de Oliveira Pereira

(O ambiente deve no escuro com velas apagadas inicialmente. Providenciar dez blocos, seis velas pequenas e uma grande. E arrumar o local conforme o esquema abaixo, pode, porém, decorar mais se quiser)

Esquematização de arrumação dos materiais.



### Comentário inicial

**Animador:** Este ano a Igreja no Brasil está comemorando o ano do laicato; por isto “*O documento ‘Cristãos leigos e leigas na sociedade, sal da terra e luz do mundo’*, retoma e aprofunda a participação dos leigos e leigas na sociedade. Chamados por meio do batismo e da crisma ao seguimento de Jesus Cristo, os leigos e leigas são na sociedade: sal e luz!” Queremos com esta oração meditativa trazer presente o papel dos leigos e leigas, como protagonistas da boa nova na sociedade que é marcada por tantos desafios.

**Mantra:** Ó luz do Senhor,/ que vem sobre a terra,/ inunda meu ser,/ permanece em nós. **(bis)** (*Acende-se a vela superior, enquanto se canta o mantra*).

**Invocação à Trindade Santa** (pode ser cantado ou rezado).

**Musica para o texto bíblico:** Tua palavra é lâmpada para os meus pés. (ou outra)

**EVANGELHO:** Mt: 5,13-16. (após a leitura pode fazer-se uma breve momento de silêncio e um breve comentário)

**Leitor 1:** No exercício da vocação e missão, nós somos interpelados a viver a santidade no mundo. Para isso somos impulsionados pelo Espírito Santo a cultivar com solicitude a vida interior, e a relação pessoal com Cristo; por isso, Senhor, nós vos pedimos que envieis operários para a vossa messe, leigos e leigas comprometidas com a vossa palavra e missão. *(acende-se uma vela, e faça-se um momento de silêncio)*

**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis)**.





## **Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Leitor 2:** Vivemos no mundo definitivamente globalizado. A postura dos cristãos neste mundo tem por base o ensino do Concílio Vaticano II sobre as relações entre a Igreja e o mundo. Por isto, temos a necessidade de abertura e de diálogo, a partir dos olhos da razão e da fé. Iluminados pelo Espírito Santo, ó Cristo, queremos ser este sinal profético no mundo, dispostos a exercer nosso profetismo. *(acende-se uma vela, e faça-se um momento de silêncio)*

**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis)**.

## **Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Leitor 3:** O mundo influencia a Igreja, algumas vezes, oferecendo-lhe tentações e desvios que afetam muitas vezes a missão, e estão presentes em nosso dia a dia, de modo particular na missão de muitos cristãos e cristãs leigas. Entregamos-vos, Senhor Jesus, em vossas mãos, a fim de que estejamos seguros e abracemos a vossa missão sem reservas. *(acende-se uma vela, e faça-se um momento de silêncio)*

**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis)**



### **Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Leitor 4:** Os cristãos leigos, homens e mulheres, são chamados, antes de tudo, à santidade. Santidade esta que torna a igreja atraente e convincente, pois os santos movem e abalam o mundo. Concedei-nos, ó Cristo, ser interpelados por Vós, a cultivar com solicitude a vida interior, e a relação pessoal consigo mesmo e as demais pessoas, para fazermos resplandecer a vossa santidade no mundo. *(acende-se uma vela, e faça-se um momento de silêncio)*

**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis).**

### **Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Leitor 5:** Deus ao se revelar em Jesus Cristo como Pai, Filho e Espírito Santo nos possibilita a entrar em contato com a Trindade, na medida em que vamos percebendo e participando daquilo que ela fez por nós. Agradecemos-vos, Senhor, por sua presença trinitária no nosso meio, e continueis a nos direcionar sempre ao Pai mediante o Espírito Santo. *(acende-se uma vela e faça-se um momento de silêncio)*



**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis)**.

**Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Leitor 6:** Ó Pai, dispomo-nos a acolher os desafios e alegrias em abrir caminhos novos na construção do reino do Senhor Jesus, reino da verdade e da vida, reino da justiça, do amor e da paz. Com intuito de fazermos sempre mais e melhor, sempre para frente e para o alto. *(acende-se uma vela e faça-se um momento de silêncio)*

**Mantra:** Ó luz do Senhor... **(bis)**.

**Pai Nosso... Ave-Maria...**

**Todos:** Ó meu Deus e meu tudo! Ó Pai, Filho e Espírito Santo! A vossa vontade se cumpra, o vosso amor triunfe, a vossa gloria resplandeça em mim e em todos, sempre mais como em Vós mesmo, ó meu Deus e meu tudo!

**Final:** Você irá para aqueles a quem eu o mandar e anunciará aquilo que eu lhe ordenar. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

**Mantra final:** Indo e vindo,/ trevas e luz,/ tudo é graça,/ Deus nos conduz. **(bis)**



## ATIVIDADE VOCACIONAL

**Na tua Missa, a nossa Missa, na tua vida, a nossa vida!**

**Vocações que despertam.**

Pe. Mozart Nunes, SDV



Em um artigo sobre Vocação e Liturgia Eucarística<sup>16</sup>, Valnei Pamponet nos apresenta esta última como “um momento privilegiado onde, em comunhão com Deus e as pessoas, experimentamos mais vivamente a presença divina, experimentamos o diálogo com Deus face a face”. A partir deste artigo, apresentamos sugestões para as Equipes Vocacionais, a fim de prepararem uma Missa Vocacional.

### **Orientações preparatorias:**

\* De início é de suma importância reunir a equipe vocacional com o Padre para preparar uma celebração onde “a participação de cada pessoa na celebração seja consciente e ativa; que a celebração Eucarística não seja apenas a leitura aleatória dos textos apresentados ou mero cumprimento de ritos, mas sim um todo harmonioso que deixa um gostinho de quero mais”.

<sup>16</sup> Valnei P. O. A celebração eucarística que desperta vocações. Espírito 69 (1997) 27.

\* Com isso lembramos que a participação consciente, piedosa e ativa na Liturgia requer formação litúrgica, um “dever de todo participante dos sagrados mistérios”.

\* Pode-se enfocar já no comentário inicial as dimensões das vocações com provocações para a assembleia ser conduzida à reflexão.

\* “No momento da preparação desta celebração, leve-se em conta a variedade de opções no missal romano e também as adaptações que podem ser realizadas nas celebrações, tomando cuidado para não ficar em cumprimento rigoroso e fechado de ritos e nem avançar a uma criatividade que despreza toda fórmula litúrgica romana”.



## **Ritos iniciais**

“Já nos ritos iniciais a comunidade é animada a abrir-se a Deus em oração, unir-se como Povo Sacerdotal em nome da Santíssima Trindade. Ai a comunidade manifesta a alegria de reunir-se para adorar à Trindade e ouvir suas Palavras de vida eterna que só Ela tem para nos comunicar. Diante desta grandeza, cada pessoa olha para si e vê suas faltas cometidas em relação ao Plano Salvífico, mas, confiante na misericórdia Divina, cada pessoa pede a graça da conversão”.

## **Rito da Palavra**

“É preciso que as leituras sejam bem pronunciadas para que a comunidade inteira possa entender o que foi lido. A homilia deve apresentar a Palavra Divina destacando uma perspectiva vocacional, onde as pessoas percebam a dinâmica do Plano de Deus e procure questionar-se sobre qual o seu papel neste Plano. Para isto é preciso que o ministro faça uma apresentação do mundo atual iluminando-a com a mensagem das leituras bíblicas; por isto deve ser uma reflexão encarnada na realidade da comunidade a que se destina a celebração”.

Leituras indicadas:

Gênesis 1,26; 2,7 - Vocação de Adão

Gênesis 12, 1-4 - Vocação de Abraão

Êxodo 3, 5-15 - Vocação de Moisés

1 Samuel 3,13-19 - Vocação de Samuel

Isaías 6, 1-8 - Vocação de Isaías

Jeremias 1, 4-9 - Vocação de Jeremias

Mateus 9,36-38 - Operários para a ceifa.

Lucas 1,26-38 - Vocação de Maria - A Anunciação.

Atos 9,3-6; 22,6-11; 26,13-18 - Vocação de Paulo.

## Rito da comunhão

“No rito da comunhão Eucarística a pessoa cristã presencia o sacrifício do maior vocacionado, e recebendo sua carne que dá vida, anima-se sempre mais em cumprir a vontade Divina”.

Apresentamos ainda mais algumas sugestões:

- a) É preciso um acompanhamento vocacional que dê continuidade ao discernimento vocacional.
- b) A celebração Eucarística vocacional seja mensal.

Incluir no momento das preces uma oração pelas vocações.

Utilizar cantos vocacionais “alegres, conhecidos pela assembleia e cantados no momento litúrgico correspondente. É preciso cuidado com as letras, para que sejam algo que apresentem de forma clara a realidade atual, o Plano de Deus, o chamado e a missão. É preciso usar prudência no uso de cantos que apenas falam de amor a Deus mas não despertam para o encarnar este amor no aqui e agora”.





# Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional